

Uma tentativa de entender uma estrutura clínica e outras descobertas

O ciclo de estudos deste semestre me fez ouvir uma história que conhecia anteriormente, agora de outro jeito, mais analítico. É a história de Robert Durst, que foi condenado à prisão perpétua pela morte de sua esposa, Kathie Durst, e de sua melhor amiga, Susan Berman. Ele também admitiu ter matado e esquartejado um vizinho, Morris Black, mas não chegou a ser condenado por isso.

Conheci sua história pela série documental "The Jinx: A Vida e as Mortes de Robert Durst", de Andrew Jarecki, que é filmada antes da prisão e condenação de Robert. É ele quem procura o cineasta para pedir que ele conte sua versão da história, amplamente conhecida e vasculhada nos Estados Unidos.

Desde 1982, quando sua esposa sumiu sob circunstâncias suspeitas, Robert passou a frequentar as manchetes dos jornais. Embora a polícia e pessoas próximas ao casal desconfiassem de Robert, o corpo de Kathie nunca foi encontrado e o caso foi encerrado. Quase 20 anos depois, em 2000, surgem novas pistas e o caso é reaberto. Susan, a melhor amiga de Robert, afirma ter algo a dizer. Pouco antes de testemunhar sobre o caso, ela é encontrada morta.

As suspeitas contra Robert se intensificam e ele foge de Nova York para Galveston, no Texas, onde começa a viver escondido usando um disfarce de mulher. Em 2001, mata seu vizinho, Morris Black. Ele vai preso, paga uma fiança de 250 mil dólares, e é liberado. Por não comparecer a um novo julgamento do caso, começa a ser procurado na cidade e é encontrado de maneira inusitada: ele é preso

em flagrante por roubar um sanduíche de 6 dólares – com 500 no bolso e outros 37 mil no porta-malas. A polícia identifica Robert e ele vai a julgamento.

Ao longo desses anos, Robert enfrentou o tribunal algumas vezes. Em todas elas, conquistava o júri com ares de ingenuidade e a ponto de os fazer rir em meio a fotos de esquartejamento e acusações de assassinato. Todas as vezes ele foi desculpado, absolvido ou concedido liberdade condicional. Parte de uma das famílias mais ricas dos EUA, entre os 50 primeiros no ranking da Forbes, não era difícil entender por que o bilionário do mercado imobiliário estadunidense escapou todas essas vezes.

Até aqui, conseguia ler o que estava em jogo em relação aos seus marcadores sociais da diferença. Ao homem branco e bilionário, o benefício da dúvida costuma ser dado com muito mais facilidade. A respeito da individualidade de Robert, enxergava um homem excêntrico e misógino que se achava dono do mundo e, portanto, poderia fazer o que bem entendesse. E nessa escolha, decidia por monstruosidades.

Após este semestre de estudos lembrei-me dessa história, mas agora adicionando novas camadas à essa leitura anterior que havia feito, ainda que mais como meras hipóteses e ciente do flerte com a interpretação selvagem.

Aos 7 anos, Robert presenciou o suicídio da mãe, que pulou do teto da casa onde a família morava. Foi o pai quem o acordou no meio da noite e mostrou a mãe em cima do telhado. Não fica claro o motivo disso. Relembrando a perda da mãe, ele diz: "It never left me" ou "Isso nunca me deixou", em tradução literal, e conta que teve dificuldade em entender que ela havia morrido e o que isso significava. Depois, fugiu de casa diversas vezes, se isolava e se desentendia com a família toda. Robert conta que o pai nunca esteve presente após a morte da mãe e não

conversava sobre o assunto. Penso em um luto não elaborado e este me parece o primeiro nó de sua história.

O segundo é sua relação com Douglas, seu irmão dois anos mais novo, escolhido pelo pai para sucedê-lo na empresa multimilionária da família, o que perturbou profundamente o primogênito. Robert travou batalhas na Justiça a esse respeito contra sua família e fez ameaças de agressão física e morte contra Douglas, que precisou reforçar sua equipe de segurança e pedir medida cautelar. Robert conta que já chegou a ir à casa do irmão portando duas armas e, em outra ocasião, foi preso por violar a medida cautelar. Aqui fica bastante evidente o caráter perverso de Robert que busca na vingança contra o irmão a compensação por ter sido tirado do trono quando foi preterido pelo pai nos negócios. Mas por que esta saída para compensar ter se sentido injustiçado e traído e não outra? Poderia remontar à intrusão do irmão pouco mais novo na relação com a mãe, como propõe Lacan no complexo de intrusão?

Seguindo em sua história, há um terceiro nó bastante revelador, em que ele comete um ato falho. Durante as gravações para o documentário produzido por Andrew, Robert usa um microfone preso à sua roupa. No meio da conversa, Andrew pontua uma contradição na fala de Robert, que fica desconfortável e Andrew sugere uma pausa – tudo isso me lembra bastante um jeito lacaniano de manejo. Nessa pausa, Robert é deixado sozinho e começa a ensaiar uma resposta para Andrew. Um membro da equipe se dirige a ele e avisa que se ele ainda está usando o microfone, ele está sendo gravado e todos podem ouvi-lo. Ele fica visivelmente constrangido e aqui me parece apenas um erro, porque talvez ele não soubesse direito como funcionava o aparelho e a gravação. O ato falho vem com força em uma segunda ocasião.

Durante a produção do documentário, o filho de Susan concede uma entrevista e pouco tempo depois entra em contato novamente com Andrew para contar que achou uma carta de Robert para sua mãe. A caligrafia é idêntica e há um mesmo erro de ortografia que em outra nota enviada à polícia anonimamente para avisar que havia um corpo no endereço de Susan, ou seja, a nova evidência ligava Robert diretamente ao assassinato de Susan. Em posse desta nova prova cabal, Andrew tenta entrevistar Robert mais uma vez, mas depois do incidente com o microfone, ele se afastou. Marca e remarca as entrevistas por muito tempo, como uma resistência. É difícil conseguir uma segunda entrevista para confrontá-lo sobre a carta, até que em 2015, após ser preso por violar a medida cautelar do irmão, ele cede.

Andrew apresenta as caligrafias lado a lado. Curiosamente, Robert começa a arrotar enquanto nega ver alguma semelhança. Ao terminar a conversa, ele vai ao banheiro e, ainda usando o microfone, começa um diálogo com ele mesmo, alternando entre um tom de voz mais grave e o seu natural, mais agudo. "Pronto, eles pegaram você / Você tem razão, claro / Mas não pode imaginar / Prendam-no / Não sei o que tem em casa / Quero isto / Mas que desastre / Ele estava certo, eu estava errado / E os arrotos / Estou tendo dificuldades com a pergunta / Que diabo fui fazer? / Eu matei todos eles, é claro", diz Robert. Dessa vez ele já sabe bem sobre o funcionamento do microfone.

Andrew encontrou esse registro durante a edição do documentário e encaminhou para a polícia, que já estava em posse da carta. Pouco antes da série ir ao ar, Robert foi preso e, em setembro de 2021, condenado pela morte de Susan e, depois, por matar sua esposa. Em janeiro de 2022, ele falece na prisão.

Algumas hipóteses e, na verdade, mais perguntas do que respostas

Robert procura Andrew para contar sua história porque Andrew havia produzido, alguns anos antes, o filme "All Good Things" sobre sua vida de forma ficcional. Robert relata ter se sentido compreendido e humanizado, não sendo retratado como um monstro. Essa é uma marca das produções de Andrew. Nesse sentido, isso deve ter favorecido um rebaixamento das defesas de Robert. Do outro lado, Andrew afirma que não sabia se Robert era inocente ou culpado, mas que estava disposto a ouvi-lo. Assim que descobre a prova cabal, fica em choque, em conflito, e afirma: "Eu gosto dele [...] nós passamos muito tempo conversando". Parece ter sido o estabelecimento dessa relação e a construção conjunta de uma narrativa que permitiu uma espécie de transferência, o que garantiu a Robert a chance de realizar seu desejo inconsciente de falar a verdade que ele vinha escondendo há anos: "Quero isto".

O diálogo final que ele tem com ele mesmo, em que se toma como um objeto, falando como um terceiro – "Eles pegaram você" / "Prendam-no" – me faz pensar em cisão do Eu, como na posição esquizo-paranóide, pensada por Melanie Klein, em conflito pulsional e em uma batalha entre o Eu e o Supereu, característico da melancolia. Essa pode ser a voz do Supereu demandando punição. Pode ser um conflito entre sua parte neurótica, capaz de sentir culpa, e a parte perversa, capaz de matar. Ou seria um perverso também capaz de sentir culpa em determinados momentos?

Não sei se pensaria em um criminoso por sentimento de culpa, como estipulou Freud, pensando em Susan e Morris. A motivação para matar a esposa não é clara, mas Susan e Morris foram mortos porque se tornaram obstáculos para Robert, não porque ele estava tentando associar uma culpa inconsciente a algo pelo

que se culpar conscientemente. Mas se for o caso em relação à esposa, ele talvez se culpasse pela morte da mãe, provavelmente se perguntando por que o pai escolheu ele para ir à janela – era uma tentativa do pai de lembrar a mãe uma razão para viver e que não foi suficiente para poupar sua vida? Imagino que isso possa ter causado graves danos à autoestima de Robert e ferido retroativamente sua relação com a mãe.

No caso do primeiro assassinato, da esposa, poderia se supor uma passagem ao ato, uma vingança e uma inversão – na ocasião em que a mãe morreu, assistiu a tudo passivamente, então agora assume o lugar ativo e mata a esposa no lugar da mãe. Onde foi impotente, quer tornar-se potente, como explicou Freud sobre a alternância entre passividade e atividade. Um caminho para escoar livremente sua pulsão não elaborada do trauma do suicídio da mãe.

Os demais assassinatos vieram para que ele conseguisse se manter livre, já que Susan poderia depor contra ele e Morris parecia ter descoberto quem ele era e feito exigências para não denunciá-lo. Há mais de 20 anos mantinha-se impune em relação ao assassinato da esposa – talvez pensasse que poderia se safar novamente e estar acima da lei outra vez, como uma fantasia sádica de poder. Não fosse a gravação do documentário, talvez tivesse se mantido assim. Seu advogado chegou a alertá-lo de que essas entrevistas poderiam "dar errado".

Há um narcisismo exacerbado aqui, uma identificação com o lugar de falo, por acreditar que poderia contar sua versão da história e continuar a enganar a todos, mantendo-se acima da lei. Nesse sentido, penso na perversão, mas também em uma psicose, lembrando da voz em terceira pessoa, e me pergunto se a mãe, possivelmente melancólica, teria conseguido instaurar o Nome-do-Pai, como sugere Lacan. Ou se para lidar com o trauma da perda da mãe, ele precisou cindir seu Eu.

E qual é o papel do pai de Robert nisso tudo, uma vez que ele parece omissos desde o começo e, quando se apresenta, é para operar em favor do filho? Quando Kathie sumiu, ele intercedeu, contratou um detetive particular e usou de suas relações com a polícia para abafar o caso, não fazendo valer a lei. Ao mesmo tempo, aqui Robert não era mais uma criança, mas talvez esse fosse um comportamento do pai desde sempre. Outro momento em que ele parece atuar de forma marcante é quando chama o filho para ver a mãe no telhado, uma ação difícil de ler: foi uma tentativa desesperada para tentar salvar a esposa? Foi uma forma de se vingar dela pela dor que ela estava prestes a causar? Afinal, acredito que o mais comum seria evitar de qualquer forma que o filho visse uma cena trágica como essa – e por que só ele e nenhum outro de seus três irmãos? É provável que Robert também nunca tenha recebido essas respostas e em relação ao pai, é possível pressupor bastante hostilidade: de certa forma, escolhe ele para a desgraça de presenciar o suicídio da mãe e, mais tarde, não escolhe ele para o triunfo de sucedê-lo na empresa da família.

Nesse contexto todo entra em cena o irmão, que é apenas dois anos mais novo e provavelmente operou como um corte na relação dual com a mãe. Ele era o possuidor e o irmão o usurpador, o que deve ter dado origem a sentimentos de rivalidade e ciúmes. Mas pela pequena diferença de idade, também deve ter havido amor e identificação. A briga toda com o irmão é pela empresa ou pela mãe?

Quando Robert é preso e depois absolvido pela morte de Morris Black, as ameaças contra o irmão se intensificam, e me faz pensar se talvez o irmão fosse o verdadeiro objeto que Robert desejasse matar no lugar da esposa. Todas as vezes em que alguém apareceu como um obstáculo aos seus interesses, como Susan e Morris, ele matou, assim como o irmão era um obstáculo entre ele e a mãe, entre

ele e o pai, entre ele e o cargo na empresa. Penso em uma pulsão de morte nessa compulsão à repetição e em um Robert se sentindo desvalorizado e como se a justiça não tivesse sido feita, o que ele também parece buscar repetir ao escapar das condenações das quais ele era culpado.

Outra coisa que me confunde é entender quanto há do Robert em sua impunidade, isto é, quanto dos assassinatos foi arquitetado de forma perversa a se safar, diferentemente de um neurótico ou um criminoso por sentimento de culpa, que deixa pistas para ser punido posteriormente, e quanto ele só não foi pego por causa de toda a estrutura da sociedade que o favoreceu continuamente. Ao mesmo tempo, ele é bastante ardiloso em manobrar seus discursos e parece obter uma enorme satisfação em evitar a castração que o sistema judiciário poderia lhe impor. Mas também quer ser castrado, como quando comete um ato falho ou quando é pego roubando um lanche de um mercado enquanto estava foragido. Ele é capaz de alguma transferência e de alguma empatia, se é possível dizer assim, porque ele se arrisca mandando um bilhete para a polícia para avisar sobre o corpo de sua melhor amiga, possivelmente para que ele não ficasse a se decompor sozinho na casa. E é esse bilhete uma das peças-chave que o leva a ser condenado. A outra, o ato falho.

Pensando em tudo isso, eu diria que Robert teria um funcionamento mais psicótico e perverso. Algo se deu na passagem do autoerotismo para o narcisismo que não o permitiu chegar ao Complexo de Édipo, então não pensaria em um caso de neurose, mas uma questão narcísica. Referir-se a si mesmo como um outro também reforça essa percepção de uma psicose. Nesse funcionamento, é possível que ele tenha cindido o objeto, como propõe Melanie Klein, porque ele diz só ter boas memórias da relação com a mãe, tem grande estima por ela, mas ao mesmo tempo imagino a possibilidade de haver muito ódio em relação a ela pelo abandono

e a dor infligida. Esse ódio pode ter sido projetado na esposa. A parte boa ele introjetou: ele acredita ser bom, correto e não ter feito nada de errado, e faz manobras discursivas para argumentar a favor disso, porque, na verdade, ele sabe que isso não se sustenta a partir de quando mata Kathie.

Por outro lado, tem algo que não entendo. Robert não tem certeza absoluta de que ele é bom, porque o conflito aparece. E falas carregadas de certezas estão mais ligadas à psicose, como explicou Lacan. Parte dele sabe de sua culpa, mas nega essa realidade e constrói outras narrativas em cima dela: de que a esposa foi viajar, de que não sabe por que Susan morreu, de que matou seu vizinho em legítima defesa. Mas não o faz à maneira de um delírio ou de alucinações, mas adequando às leis da sociedade, ao princípio de realidade, se apropriando dele e pervertendo-o para que possa se safar. Nesta fase em que parece ter havido uma falha no desenvolvimento de Robert, da passagem do autoerotismo para o narcisismo, também corresponde à fase anal, que tem a ver com a preocupação com a lei, as regras, o outro, e daí talvez a origem de sua perversão, já que Robert conhece a lei, mas a nega e se coloca acima dela. Ao mesmo tempo, como pode se colocar acima da lei se supostamente ela não foi instaurada, afinal ele não chegou à questão do Complexo de Édipo?

Considerações finais

Meu objetivo com esse trabalho era tentar entender qual era a estrutura clínica de Robert, já que este é o eixo central deste semestre e em casos extremos pode ser mais fácil identificá-la. Acho que a questão da psicose fica um pouco mais evidente para mim, mas ainda preciso me aprofundar na questão da perversão e da criminalidade – e se e como essa perversão se articularia com o conceito de

perversão no fetichismo, por exemplo, em que se avança até o Complexo de Castração, mas se recua, negando a castração.

Embora não tenha entendido isso ainda, todo esse processo de escrever o trabalho me proporcionou outras reflexões e descobertas. Ao pensar na clínica, que eu ainda não iniciei, imagino que talvez seja possível levantar hipóteses diferentes e guardá-las enquanto as próximas sessões se desenrolam para começar a entender quais caminhos pretéritos e futuros vão se revelando, com o objetivo de poder pensar no manejo.

Também me fez pensar que, embora capaz de monstruosidades, Robert, e na verdade talvez qualquer assassino, não são monstros. Encará-los como monstros seria desresponsabilizá-los por seus atos e ignorar que a sociedade também contribui para sua feitura. No caso de Robert, ele é fruto de condições de desenvolvimento bastante desfavoráveis, imerso em uma sociedade que favorece tais comportamentos, pautada em ideais de branquitude e riqueza. Me parece que o júri majoritariamente branco que absolveu Robert se pergunta: como um herói, um ideal, um objeto de identificação, poderia ser capaz de tais atrocidades? Não só o júri, mas também todo o sistema permissivo à influência do pai bilionário, a possibilidade que pessoas ricas têm de montar equipes de defesa altamente qualificadas e a forma como a imprensa tratou o caso ao longo dos anos.

Para além disso tudo, o que me chama atenção é que foi no amor que a verdade pôde aparecer, nas relações significativas que Robert estabeleceu, ainda que à sua maneira, tanto com Andrew quanto com Susan: o ato falho e a carta/bilhete. A lei e o amor não são inatas ao ser, como dizia Lacan, e o sujeito precisa ser convocado a se submeter à lei e a amar.